

OS PROFESSORES INICIANTES, OS DESAFIOS DA ENTRADA NA CARREIRA E OS PROCESSOS DE REGULAÇÃO E CONTROLE EXERCIDOS SOBRE O TRABALHO DOCENTE

ILHA, Franciele Roos da Silva¹; HYPOLITO, Álvaro Moreira²

¹Universidade Federal de Pelotas- francieleilha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- alvaro.hypolito@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho docente no início de carreira constitui-se num desafio a ser superado, já que são muitas as dificuldades, os problemas e os conflitos que o professor se depara neste período profissional. GONÇALVES (1992) destaca, inclusive, que os primeiros anos de carreira, até a opção definitiva pelo ensino como profissão constitui-se num momento próprio à eclosão de crises.

Dentre as situações que o professor iniciante vivencia pode-se destacar a interferência dos dispositivos de controle no seu trabalho. De acordo com VIEIRA; HYPOLITO; DUARTE (2009) os dispositivos são ações fundamentadas em discursos, interferindo nas relações sociais, na medida em que definem como estas devem ocorrer ou não, assim como, prescrevem, ordenam e normatizam conteúdos e maneiras de ensinar.

Para tanto, este estudo tem como objetivo refletir acerca da organização e do desenvolvimento da ação pedagógica do professor iniciante frente aos desafios que envolvem a entrada na carreira e diante dos processos de regulação e controle exercidos sobre o trabalho docente. Uma vez que os processos de regulação e controle podem ser identificados no contexto das políticas educacionais, no contexto da prática também é possível evidenciar tais processos. Além disso, destaca-se a importância desta reflexão pela escassa produção bibliográfica sobre os conflitos e as resistências que vivenciados no processo de trabalho docente na escola básica. Tal fato soma-se ao diferencial de ser este docente, um professor iniciante e seus inúmeros desafios que permeiam a entrada na carreira.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A fundamentação metodológica deste estudo guiou-se pelo uso da abordagem da qualitativa, tendo em vista que essa oferece subsídios significativos quando se pretende compreender os aspectos que permeiam o contexto educacional, mas especificamente, ao trabalho docente. Quanto ao tipo de pesquisa, esta é bibliográfica, sendo que ela constitui-se como a base imprescindível para qualquer tipo de pesquisa, pois não pode existir investigação científica, sem antes haver um conhecimento das contribuições teóricas existentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sistematização dos saberes aprendidos até o ingresso na carreira, para a organização de sua docência, requerem do professor um processo crítico,

criativo, consciente e coerente de (re)construção e articulação dos conhecimentos específicos de sua área de formação com o contexto macro (sociedade, sistema educacional) e micro (escola e seu currículo) que estiver inserido. Além disso, o professor da escola pública assume funções que estão muito além de sua formação, devido à variedade de atribuições destinadas a esta (OLIVEIRA, 2004).

Entretanto, o professor ao ingressar na escola, por vezes, não tem a liberdade para definir os objetivos, os conteúdos, a metodologia, as formas de avaliação entre outros aspectos que permeiam a sua ação docente. Isto ocorre devido ao momento de reestruturação da sociedade e do sistema educacional no Brasil, de natureza neoliberal, que através de políticas neoconservadoras e neoliberais tem buscado reeditar o tecnicismo e aumentar os “níveis de cooptação e conformação dos agentes e agências internacionais às demandas, cada vez mais especializadas, do mercado de trabalho, o que implica na eliminação de posturas autônomas e independentes na definição de ‘como’ ensinar e do ‘quê’ ensinar” (HYPOLITO; VIEIRA, 2002, p.272).

Desta forma, ressalta-se que um dos elementos fundamentais que integram o movimento de reforma educacional, no entendimento de BALL (2005), diz respeito à questão de quem controla a área a ser julgada, seus processos de disputa na obtenção do controle a fim de promover mudanças nesta e em seus valores. O autor explicita duas das principais tecnologias da política da reforma educacional, a performatividade e o gerencialismo. A primeira se refere a “uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança”. Ela é obtida por meio da “construção e publicação de informações e de indicadores, além de outras realizações e materiais institucionais de caráter promocional, como mecanismos para estimular, julgar e comparar profissionais em termos de resultados [...]” (BALL, 2005, p.543-544). O autor ainda chama a atenção para os efeitos da performatividade, o primeiro deles é a reorientação das ações acadêmicas e pedagógicas em direção aquelas com maior capacidade de serem mensuradas em seu desempenho. O segundo efeito é a modificação da maneira como os docentes compreendem e vivenciam a sua profissão, seus objetivos morais, sociais e educacionais são distorcidos ou excluídos, assim como as satisfações que seu trabalho lhes proporcionava (BALL, 2010).

O foco dessas reformas é a escola e o trabalho nela realizado, sendo que, segundo VEIGA-NETO (2008), os modos nos quais os conteúdos são postos em prática e avaliados correspondem a uma forma em que as técnicas de controle estão se intensificando no interior da mesma. O controle no sentido em que se evidencia hoje representa “uma ação continuada, infinita de registro e armazenamento [...] mesmo estando a nos ‘ameaçar’, é episódio descontínuo [...]”, ao contrário, tem-se a vigilância que é “imposta o mais contínua, intensiva e precocemente possível”, geralmente quando incorporada pelos sujeitos para si como objeto, resulta no autogoverno de si mesmos (VEIGA-NETO, 2008, p.146).

A segunda tecnologia identificada por BALL (2005, p.544) é o gerencialismo, que “representa a inserção, no setor público, de uma nova forma de poder [...], desempenha o importante papel de destruir os sistemas ético-profissionais que prevaleciam nas escolas, provocando sua substituição por sistemas empresariais competitivos”.

Portanto, a performatividade e o gerencialismo estão interligados numa relação de reciprocidade, pois o gerencialismo objetiva que o trabalhador se

aproprie das concepções de performatividade e as aplique através de seus mecanismos.

PIMENTA; LIMA (2004, p.43) destacam ainda que:

[...] nem sempre os professores têm clareza dos objetivos que orientam suas ações no contexto escolar e no meio onde se inserem, sobre os meios existentes para realizá-los, sobre os caminhos e procedimentos a seguir, ou seja, sobre os saberes de referência de sua ação pedagógica [...].

CHARLOT (2008, p.21) contribui neste momento quando coloca que o professor de hoje trabalha num contexto de contradições, sendo essas de ordem econômica, política e social, mas também inerentes ao próprio ato de ensinar. Ele alerta que: “o próprio professor encarna essa contradição radical: sonha em transmitir saberes e formar jovens, mas vive dando notas a alunos”.

Dentre as situações que o professor iniciante vivencia pode-se destacar a interferência dos dispositivos de controle no seu trabalho. De acordo com VIEIRA; HYPOLITO; DUARTE (2009) os dispositivos são ações fundamentadas em discursos, interferindo nas relações sociais, na medida em que definem como estas devem ocorrer ou não, assim como, prescrevem, ordenam e normatizam conteúdos e maneiras de ensinar.

Os professores em início de carreira, segundo tais autores, são os que mais sentem os efeitos dos dispositivos de controle no interior das escolas diante do impacto desta fase profissional e por meio do currículo em ação. De modo que, o estudo com esse grupo de professores permite uma maior visibilidade destes dispositivos.

Diante dessas evidências, percebe-se que o professor trabalha num contexto de contradição em que por um lado, lhe são impostos normas, regras e parâmetros que controlam e limitam a sua capacidade de construção e definição de sua docência e por outro, é abordado por um discurso de autonomia docente, que se traduz na intensificação de seu trabalho no momento que exige do Estado suas atribuições e sobrecarrega o trabalhador da educação, também, com tarefas burocráticas e de ordem assistencialista, constituindo-se ainda foco de avaliação externa para a aferição de sua eficiência enquanto profissional competente.

Assim, verifica-se que o trabalho docente vem passando por um processo de reestruturação, diante das reformas que demarcam a regulação das políticas educacionais caracterizadas pelo controle sobre o trabalho do professor, podendo redefinir até mesmo a sua natureza e definição (OLIVEIRA, 2004).

4. CONCLUSÕES

O professor iniciante diante de suas funções profissionais enfrenta muitos desafios no processo organização e desenvolvimento pedagógico ao ingressar na carreira, devido à inerente complexidade da tarefa de ensinar, na qual a formação inicial dificilmente dará conta, e diante dos processos de regulação e controle exercidos sobre o seu trabalho.

O início do exercício da profissão é permeado de dúvidas, incertezas insegurança, o qual acaba somando-se a regulação e ao controle que o professor sofre em sua ação cotidiana, seja por reflexo das políticas educacionais neoliberais fundadas na performatividade, seja por discursos e práticas oriundos

do seu próprio contexto de trabalho, em que a tradição de práticas, atitudes, valores, normas e regras conservadores vão sendo-lhes sutilmente ou explicitamente impostas.

Portanto, a performatividade e suas nuances estão presentes e atuantes no trabalho docente, operando de diferentes formas, com maior ou menor intensidade, com a contribuição de atores diferenciados e com a utilização de inúmeras estratégias de ação, regulação e controle. Sejam os professores, universitários, da escola básica, do ensino público, do ensino privado, em início, meio ou em fim de carreira, eles estão à mercê e a serviço da performatividade, conscientes ou não desta missão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALL, S. J. Vozes/redes políticas e um currículo neoliberal global. In: PEREIRA, M.Z.C. et al. (Orgs.). **Diferenças nas políticas de currículo**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010a. p.21-45.

BALL, S. J. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez. 2005.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador na contradição. Revista da FAEEBA: **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.17, n. 30, p.17-31, 2008.

GONÇALVES, J.A. A carreira dos professores do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p.31-62.

HYPOLITO, A.M.; VIEIRA, J.S. Reestruturação educativa e trabalho docente: autonomia, contestação e controle. In: HYPOLITO, A.M.; VIEIRA, J.S.; GARCIA, M.M.A. **Trabalho docente**: formação e identidades. Pelotas: Seiva, 2002. p.271-283.

OLIVEIRA, D.A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.

PIMENTA, S.G; LIMA. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

VEIGA-NETO, A. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Revista de Ciências da Educação**, n.7, p.141-150, 2008.

VIEIRA, J.S.; HYPOLITO, A.M.; DUARTE, B.G.V. Dispositivos de regulação conservadora, currículo e trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 221-237, jan./abr. 2009.